

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DIÁRIO COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NO ATENDIMENTO DE UMA ADOLESCENTE NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Bianca da Fonseca Primak

Hospital Municipal São José | Joinville, Santa Catarina, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1741-2725>

Camila Cardozo Klug

Hospital Municipal São José | Joinville, Santa Catarina, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5191-3358>

Julia Polizeli Lobo

Hospital Municipal São José | Joinville, Santa Catarina, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5971-7714>

DOI - CAPÍTULO 07: 10.53524/lit.edt.978-65-84528-16-1/07

RESUMO

OBJETIVO: Discutir e analisar a construção de um diário lúdico como dispositivo e recurso terapêutico nos atendimentos psicológicos realizados com uma adolescente internada em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). **MÉTODOS:** Como método foi utilizado o relato de experiência de uma psicóloga residente do Programa Multiprofissional de Terapia Intensiva de um hospital público de Santa Catarina. O relato irá permear a construção do dispositivo analisando a necessidade da sua construção, as percepções e a importância do lúdico como facilitador para elaboração dos sentimentos e os sofrimentos que se depositaram com o adoecimento e internação da adolescente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O processo de hospitalização e adoecimento é gerador de sofrimento e impacto significativo na vida da criança e adolescente, sendo fundamental ofertar espaço de escuta psicológica e dar lugar para a subjetividade. Ao ser hospitalizada a criança e adolescente se deparam com situações de desamparo, afastamento dos pais e de seu ambiente familiar, mudanças no corpo em decorrência do adoecimento, dores e procedimentos invasivos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a utilização do diário como recurso psicológico atuou como dispositivo potencializador da elaboração e da subjetivação do sofrimento psíquico que se depositaram com a internação da adolescente durante o processo psicoterapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo Terapêutico; Atendimento Psicológico; Lúdico; Unidade de Terapia Intensiva;

ABSTRACT

OBJECTIVE: Discuss and analyze the construction of a ludic diary as a therapeutic tool and resource in the psychological sessions of a teenager in an Intensive Care Unit (ICU). **METHODS:** The method implemented was the experience report of the resident psychologist of the Intensive Care Unit Multi Professional Program in a public hospital of Santa Catarina. The report goes through the construction of the diary as a tool and the analysis of the need of its construction, the perceptions and the importance of the ludic to ease the elaboration of sentiments and sufferings that have deposited with the teenager's illness and their admittance in the Intensive Care Unit. **RESULTS AND DISCUSSION:** The illness and hospitalization processes generate suffering and significant impact in the life of children and teenagers, being

of fundamental importance to create safe spaces for the psychological assistance and give space for the subjectivity of going through this distressing moment. The children or teenager being hospitalized faces situations of helplessness, of being away from their caregivers and homelife, changes in their body due to the illness, as well as pain and invasive procedures. **CONCLUSION:** The use of a diary as a psychological resource was useful as a tool capable of potentializing the elaboration and subjectification of the psychic suffering resulting from the teenager's admittance to the Intensive Care Unit.

KEYWORDS: Device therapeutic; Psychological Assistance; Ludic; Intensive Care Unit

1 INTRODUÇÃO

O processo de adoecimento representa um grande impacto na vida do/a paciente e de seus familiares, principalmente quando a hospitalização ocorre no período da infância e adolescência, a qual possui especificidades e singularidades que influenciam na forma de enfrentamento do/a paciente e da família. Desse modo, para compreender o/a sujeito hospitalizado é necessário reconhecer as particularidades que são inerentes à fase do seu desenvolvimento humano. A adolescência tem como característica a mudança significativa no desenvolvimento psicológico, dentre eles podem ser identificados, o processo de construção da identidade e a reformulação dos conceitos que possui a respeito de si mesmo (LEAL; FACCI, 2014). Cada sujeito está inserido em determinado contexto, e portanto o período da adolescência é compreendido como um processo dinâmico e atravessado por múltiplos fatores, sejam eles socioculturais, econômicos, étnico-raciais, de gênero e afetivo (LEAL; FACCI, 2014).

Ao ser hospitalizada a criança e o/a adolescente são separados de forma abrupta dos seus familiares e amigos/as, e tem sua rotina rompida de forma inesperada. Passam a se confrontar com um universo até então desconhecido, em um ambiente aversivo, que é repleto por sons estranhos, cheiros desagradáveis, exames e procedimentos invasivos e medicamentosos. Com o adoecimento e a internação, a criança e o/a adolescente ficam restrito à brincadeira ao ar livre, possui seu ciclo de sono afetado, além de ser afastada de sua rotina escolar e do ambiente familiar. A criança e o/a adolescente poderão ser submetidos a perda gradual da sua subjetividade e da autonomia, uma vez que são submetidos a diversas regras da unidade hospitalar, como alimentação, vestimentas, medicação e controle da higiene (ANDRADE, 2019).

Tendo isso em vista, a criança e o/a adolescente ao ser hospitalizada enfrentam inúmeras situações que ocasionam sofrimento psíquico, principalmente pelo o afastamento dos pais e de seu ambiente familiar, o que pode ocasionar a sensação de abandono, além do medo dos procedimentos que pode causar dores e desconforto. Estar no hospital em que é um ambiente hostil e que ocorrem procedimentos invasivos, sendo por vezes necessário ficar restrito ao próprio leito e ao setor, impede e torna as brincadeiras como correr, pular, encontrar os amigos uma possibilidade distante à criança hospitalizada (ROCHA; MESQUITA; SILVA, 2013; ANDRADE, 2019).

Nesse sentido, ao inserir-se no contexto hospitalar o/a psicólogo/a tem como objetivo compreender, acolher e dar um espaço à subjetividade, às afetações e sofrimentos psíquicos das crianças, adolescentes e de seus familiares. O/a psicólogo/a intervém no momento de crise e adoecimento, em situações críticas de morte e morrer, que ocasionam afetações emocionais e psicológicas, permeadas de sentimentos de ansiedade, medo e angústia que os pacientes estão experienciando durante a internação. Simonetti (2016) reflete que o fazer da psicologia no hospital tem como intuito oferecer suporte ao paciente e seus familiares em decorrência do sofrimento gerado pelo adoecimento e pela hospitalização, assim os atendimentos são preenchidos pela singularidade e narrativa de cada paciente.

E quando há negação do espaço para expressão dos sentimentos, “[...] a criança é colocada em uma posição de objeto, esquece-se que ali há um sujeito que quer ser escutado” (ANDRADE, 2019, p.9), assim, os/as pacientes sofrem sem um lugar de amparo e de escuta. Além disso, a ausência de explicação sobre a doença e seu tratamento, seja por parte da equipe e de seus familiares, pode gerar na criança e no/a adolescente expectativas e pensamentos fantasiosos sobre si e sua condição. Portanto, ao ser privada do acesso às informações sobre seu tratamento e do seu sofrimento, a criança e o/a adolescente poderão ter seu sofrimento agravado e intensificado, e que poderá se manifestar através de sintomas do humor deprimido, ansioso, ou torna-se apático às situações e aos seus sentimentos (ANDRADE, 2019).

É por meio dos espaços de escuta psicológica com crianças e adolescentes que é oferecido um espaço legítimo de testemunho e escuta dos seus sofrimentos psíquicos frente à situação de adoecimento e internação. É neste sentido que para realizar atendimentos psicológicos que versem sobre a hospitalização e o

adoecimento com adolescentes é necessário utilizar recursos e dispositivos que possibilitem adentrar no universo de significados e identificações, com objetivo de possibilitar a elaboração subjetiva através do lúdico.

Para isso, será utilizado o conceito de filósofo Gilles Deleuze (2015), que compreende dispositivos como uma multiplicidade de processos que promovem a subjetivação, considerados, portanto, como máquinas de fazer ver e de fazer falar. O diário como dispositivo e recurso terapêutico possibilita a prática discursiva e a produção de intensidades, podendo ser entendido como instrumentos “parceiros que se movimentam em forma de texto narrativo, ficcional e implicado” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p.273).

Este estudo irá discutir e analisar o um diário como dispositivo terapêutico construído para os atendimentos psicológicos de uma paciente adolescente hospitalizada em unidade de terapia intensiva. As temáticas irão circundar a reflexão sobre a importância do lúdico, da escrita e do desenho como ferramenta para a expressão dos sentimentos e afetações psicológicas decorrentes do processo de hospitalização. Além de esboçar sobre espaços de escuta e amparo através da objetivação das fantasias, dos medos, e expectativas como mediação para elaboração do sofrimento psíquico.

2 MÉTODOS

O relato trará impressões e análises acerca do dispositivo de escuta e escrita utilizado durante os atendimentos psicológicos ao longo da internação de uma paciente adolescente hospitalizada na UTI. As discussões irão traçar reflexões e análises acerca da construção e utilização de um diário como dispositivo terapêutico durante o processo de psicoterapia. O acompanhamento psicológico foi realizado pela psicóloga residente em conjunto com a preceptora, inserida no programa de Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva em um hospital público localizado na região norte de Santa Catarina/SC.

O hospital é referência na assistência à população de diversas cidades do estado de Santa Catarina, especialmente da região norte. Realiza cuidados em saúde a pacientes em sua fase aguda, tendo serviços de referências ao atendimento de pacientes críticos crônicos, pacientes oncológicos, traumas por acidentes, AVCs e pós-operatórios. A unidade Hospitalar ainda conta quatro setores de UTI's adulto sendo 3 unidades com 10 leitos e uma unidade com 7 leitos.

Apesar do hospital não possuir uma unidade destinada a pacientes pediátricos, a lei municipal orienta que os/as pacientes a partir de 15 anos devam ser encaminhados ao hospital público adulto. Ao ser hospitalizada em situação gravíssima a paciente adolescente foi transferida a internação na UTI, sendo o seu adoecimento dado de forma repentina. No momento agudo em situação clínica crítica o serviço de psicologia foi acionado para acompanhar os familiares da paciente. Durante sua hospitalização houveram diversas internações que permearam a UTI e os setores de enfermagem. Devido a evolução para um quadro crônico de internação, os atendimentos psicológicos tiveram enfoque nas questões voltadas a paciente e sua relação com o adoecimento, o corpo, e a hospitalização.

Foucault (2020) define dispositivo como uma conjunção de vários elementos que se relacionam com o objetivo de produzir algo que possa responder a um determinado problema. A partir dos atendimentos realizados evidenciou-se a necessidade da utilização de dispositivos que pudessem facilitar a comunicação e a expressão do sofrimento vivenciado frente a experiência de adoecimento. A construção do diário se deu para além de um meio confessional, mas como um dispositivo de dialogar, e instigar a adolescente a utilizá-lo como forma de partilhar suas afetações a partir da escrita e do desenho.

Assim, a criação do diário foi realizada pela psicóloga e autoras deste estudo em conjunto com psicóloga supervisora, durante o acompanhamento psicológico com a adolescente na UTI. Os tópicos trazidos no dispositivo foram baseados em atividades que abordassem a identificação dos seus sentimentos e dos recursos de enfrentamento que possuía para lidar com a situação. O diário continha 50 páginas que envolviam atividades reflexivas através do desenho, da escrita e do lúdico que versavam sobre a sua bibliografia e identificações pessoais, o seu cotidiano no hospital, mudanças vivenciadas com o adoecimento, ciclos de vida, rede de apoio familiar e amigos. Ainda, o dispositivo auxiliava a paciente a identificar os recursos de enfrentamento que possuía frente a situação vivenciada, a relação que estabelece com a família a partir dessa nova variante, os sentimentos, angústias e os sofrimentos que se depositaram com o adoecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aposta do diário com a adolescente se deu pela intencionalização de trazer a ludicidade para escuta atravessada pela escrita e pelo desenho, com intuito de objetivar os sentimentos e angústias através destes dispositivos. Compreende-se que quando os sentimentos são expressos no papel criam-se possibilidades de subjetivação e elaboração da situação vivenciada.

Assim, é através da criação por meio da linguagem e das atividades expressivas que a criança e o/a adolescente podem se apropriar do meio social, sendo essa uma importante ferramenta de mediação entre o contexto e a subjetividade. As atividades lúdicas consistem na expressão da criança e do/a adolescente por meio do desenho, dos jogos, do exercício da imaginação e do uso da linguagem, que irão atuar como recursos para elaboração simbólica da situação vivenciada (CONCEIÇÃO, 2015).

Ao longo do acompanhamento psicológico com a adolescente, foi evidenciado a importância de encontrar dispositivos que a auxiassem na identificação e no compartilhamento de seus afetos e emoções frente a situação abrupta de adoecimento e hospitalização prolongada. Durante as abordagens psicológicas, foi identificado que os atendimentos psicológicos realizados somente por meio da palavra e do discurso, da forma em que eram realizados com adultos, não estavam sendo o suficiente. Por isso, avaliou-se a necessidade da criação de estratégias e inventividades clínicas a fim de implicar a paciente no processo psicoterapêutico.

Uma dificuldade que a psicologia e a equipe de assistência se defrontaram foi com a necessidade e a complexidade de atuar no cuidado de uma adolescente na UTI que é majoritariamente destinado ao público adulto. A capacitação limitada para atuar com o perfil pediátrico se estende para além da formação dos/as profissionais da unidade, uma vez que não há estrutura física disponível na instituição hospitalar para atendê-la, como brinquedotecas ou espaço de socialização, pois o hospital presta assistência em sua ampla maioria a pacientes adultos/as e idosos/as. Isso exigiu dos profissionais intervenções criativas e inventivas, às quais se propunham a ter uma aproximação com o universo de significados pertinentes à adolescência e à infância.

Devido a isso, o serviço de psicologia criou o diário como uma ferramenta para mediação das emoções e fantasias da paciente, configurando-se enquanto um dispositivo terapêutico. Durante os espaços de escuta psicológica foi observado que

a paciente possuía dificuldade de entrar em contato e verbalizar sobre seu adoecimento e hospitalização. Frente a isso, é fundamental criar dispositivos que ofereçam um espaço legítimo de mediação das emoções e do sofrimento decorrente do adoecimento e da internação, especialmente no período da infância e da adolescência.

O/a psicólogo/a que atua no hospital com crianças e adolescentes internados deverá dar lugar a angústia diante do processo de adoecimento e hospitalização, que poderá esconder a fantasia de morte ou de cronicidade da doença, muitas vezes causadas pela falta de informações repassadas de forma adequada e clara acerca da doença e do prognóstico.

De acordo com a autora Andrade (2019), durante o processo de adoecimento e hospitalização, a família e a equipe de assistência podem acabar reprimindo e desconsiderando os sentimentos, os desejos e as inquietações apresentadas pelo/a paciente, resultando na intensificação do sofrimento vivenciado. É por meio do atendimento psicológico que se realiza o manejo dessas situações com a equipe de saúde e os familiares, ao passo que, é oferecida escuta ao sujeito e amparo aos aspectos emocionais e subjetivos.

Desse modo, a utilização de ferramentas lúdicas no contexto de hospitalização, funcionam como um recurso terapêutico possibilitando à criança e o adolescente a lidarem com as angústias, sentimentos e as emoções suscitadas do processo de adoecimento. Ou seja, é ofertado um espaço para expressão subjetiva, de modo que possa atribuir significado às experiências vivenciadas (GIAXA *et al*, 2019).

A utilização do diário nos atendimentos psicológicos é uma atividade expressiva que pode implicar em “um movimento do sujeito em relação a si mesmo no sentido de reconhecer-se como sujeito de um enunciado, norma, fazendo com que estes operem no seu próprio corpo” (FILHO; TETI, 2013, p.50), como uma forma de subjetivar-se. Segundo os autores Medrado, Spink e Mélo (2014) a produção da escrita no diário vai para além da relação estabelecida apenas entre a linguagem e a ação, mas sim, como um dispositivo que atua na produção de efeitos, mobilização de afetos e de atribuição de sentido.

O diário como produtor de sentido, “[...] consegue fundir as palavras e as coisas, à medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito”

(MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p.278). A escrita e o desenho por meio da linguagem expressam o pensamento mais oculto e profundo pertencentes às emoções internas, é por meio da construção desse espaço de expressão que se possibilita a objetificação do sofrimento vivenciado pela criança e adolescente (SEI, OLIVEIRA, BRAGA, 2014).

Ao sujeito enunciar os sentimentos e sua história através da linguagem expressiva, seja pela fala, escrita ou desenho, esta passa a se reconhecer enquanto um agente de si, auxiliando-o no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo (SEI, OLIVEIRA, BRAGA, 2014). De tal forma, que a linguagem atue enquanto dispositivo como efeito de máquina enunciativa, o que incentiva a dispersão dos enunciados, dando ao discurso do sujeito um lugar no contexto em que está inserido (FOUCAULT, 2013).

Nas atividades propostas ao longo do diário o desenho foi utilizado como elemento essencial da expressão da subjetividade. O desenho enquanto comunicação e linguagem enunciativa permitiu a adolescente organizar as informações e elaborar as experiências através da representação lúdica. Os autores Dib e Abrão (2013), refletem que o desenho é uma ferramenta que auxilia a criança e o/a adolescente na compreensão da relação que estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A expressão através do desenho se faz ainda mais necessário no contexto de adoecimento e hospitalização, uma vez que, é repleto de sentimentos relativos às novas limitações da autonomia, dores físicas e emocionais, procedimentos invasivos, e o afastamento da rotina doméstica, familiar e escolar.

Portanto, as atividades propostas no diário se debruçaram no que concerne à expressão das experiências vividas diante a situação de adoecimento e hospitalização, atravessando seu modos de entendimento e compreensão sobre a doença e os tratamentos realizados. Além disso, ao longo das páginas propicia-se a identificação dos sentimentos acerca da mudança familiar, da mudança em seu corpo, a construção do conceito de si mesmo e expectativas futuras de reabilitação e recuperação.

Cabe apontar que a construção do diário surgiu durante espaços de supervisão destinados à formação da psicóloga residente como profissional da equipe de Terapia Intensiva. O espaço formativo tem a potencialidade de suscitar reflexões e intervenções alicerçadas em conceitos teórico-práticos produzindo intervenções de forma assertiva e de acordo com as necessidades reais do contexto

em que se atua. Assim, a psicóloga residente e supervisora foram convidadas a adentrar no universo lúdico e simbólico da adolescência. É necessário reconhecer a importância dos espaços formativos para a criação de novos dispositivos voltados à prática do/a psicóloga no contexto hospitalar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o dispositivo auxiliou a paciente na compreensão do seu processo de adoecimento, através do uso do diário possibilitou a adolescente a criação de um espaço para expressão do sofrimento e sentimentos atribuídos à situação vivenciada. A ferramenta lúdica por meio do diário, se propôs a abarcar conteúdos que atuassem na mediação dos elementos do novo cotidiano facilitando a sua organização no ambiente hospitalar.

A hospitalização depara o sujeito à inúmeras situações de sofrimento psíquico, que é balizada pelo medo dos procedimentos, da sensação de abandono e desamparo, pela ausência do grupo familiar, restrições alimentares, e limitação das brincadeiras. Assim, é essencial ofertar dispositivos para que a criança e o/a adolescente construam recursos de enfrentamento da internação e adoecimento.

Desse modo, para o atendimento de crianças e adolescentes no contexto hospitalar avaliou-se a necessidade da criação de práticas inventivas como oferta e espaço de escuta psicológica. A criação de dispositivos terapêuticos como o diário, é essencial, pois atua como um recurso potencializador no acompanhamento psicológico. Portanto, é por meio da atividade expressiva que os aspectos emocionais da criança são legitimados, oportunizando com que a mesma consiga alcançar suas angústias, medos, fantasias e seus sofrimentos acerca do adoecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. K. A criança com doença crônica e o hospital: as contribuições da Psicanálise. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 8, n. 14, p. 1-13, 2019.

CONCEIÇÃO, L. S. A influência do lúdico no cuidado e tratamento de crianças hospitalizadas. **Revista Eletrônica do Psicologia.pt**, 2015. ISSN 1646-6977 versão *online*. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1002.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022. 2015.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? *In*: DELEUZE, G. **O Mistério de Ariana**. São

Paulo: Nova Vega, p. 83-96, 2015.

DIB, E. P.; ABRÃO, J. L. F. Uma experiência terapêutica pré-cirúrgica: o uso do desenho como mediador lúdico. **Boletim de Psicologia**, v. 63, n. 139 p. 159-174, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GIAXA, A. C. M. *et al.* A utilização do jogo como recurso terapêutico no processo de hospitalização da criança. **Revista da SBPH**, v. 22, n. 1, p. 280-305, 2019.

LEAL, Z. F. R. G; FACCI, M. G. D. Adolescência superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: FACCI, M. G. D *et al* (org). **Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação**. Paraná: EDUEM, p. 15-45, 2014.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. *et al.* (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 273-294, 2014.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-59, 2013.

ROCHA, J.R.; MESQUITA, D.A.; SILVA, E. P. O psicólogo atuando junto à criança hospitalizada. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 1, n. 2, p. 89-96, 2013.

SEI, M. B.; OLIVEIRA, D. C.; BRAGA, C.M. L. O jogo da escrita e a construção de estratégias para o atendimento psicanalítico de adolescentes. **Encontro: Revista de psicologia**, v. 17, n. 27, 2014.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença**. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.